



como se encaixam uma na outra; reunir estatísticas relevantes, quantificadoras dos aspectos mais significativos; e aliar a história, municiada com suas descrições das transformações experimentadas pelo homem, é bem possível fazer previsões e apontar no horizonte os acontecimentos futuros, não como alguém que joga búzios na peneira, contudo alguém que lança um fecho de luz na penumbra apontando tendências capazes mesmo de suceder. É bom enfatizar que é um feixe de luz em que não se percebem todos os detalhes, antes porém os contornos principais. É bom ressaltar, que há outros economistas capazes de defender a sabedoria de Mãe Diná com suas cartas, bola de cristal e formosas conchinhas de búzios, negando a possibilidade de predizer cientificamente os fatos, concordantes em gênero, número e grau com a alegre letra da canção exposta na fachada deste escrito.

Vamos começar.

Antes de mais nada, há uma pesada crise internacional ainda em transe. Ela inicia pela economia estadunidense, a maior do planeta, do cimo de seus 11 trilhões de dólares. Emite os primeiros sinais em 1997 e prossegue sem parar sua escalada. Dada a interconexão das economias, em particular no setor financeiro, um arriscado passivo hipotecário a descoberto, realizado nos EUA, remultiplicou-se pelos bancos europeus. Eram créditos a receber securitizados que foram repassados adiante por intermédio de diversas opções de operações financeiras futuras que prometiam rendimentos garantidos por hipotecas e seguros de mega empresas. Como os executivos de bancos ganhavam pelo número de negócios realizados, estes créditos foram revendidos de banco para banco. Dos EUA para a Europa e da Europa para a Ásia. E são transações digitalizadas via computador. Não haveria uma cerca para detê-las. Transparecia certa segurança, talvez porque a economia dos EUA estava atuando num ambiente de franco crescimento econômico, desde os anos 90. Já se somavam 17 anos de prosperidade e elevação do comércio mundial. Alguns economistas da fina flor das academias chegaram a escrever que os ciclos econômicos haviam desaparecido. Quando se percebeu com clareza, os principais continentes haviam comprado e repassado créditos podres. Eram todos passageiros da mesma futura agonia.

Enquanto a economia estadunidense, a maior consumidora mundial de mercadorias crescia, o andar da carruagem aparentava alguma estabilidade, quanto mais porque isso perdurava quase 20 anos. Não se enxergava dificuldade intransponível no horizonte. Era produzir e vender. Como o prodigioso consumo estadunidense era financiado artificialmente por operações financeiras, e quanto maior essa prosperidade, maior deveria ser o consumo em todas as suas manifestações, ele passa a esbarrar em suas próprias limitações de algo que não pode ser infinito. E por terem moeda mundial, os EUA podiam emitir moeda e vender títulos públicos de crédito para potenciais bons compradores. A China era compradora fiel. Por sua vez, qualquer endividamento depende de emprego para ser pago e o emprego não consegue se reproduzir na mesma celeridade que o movimento financeiro, imensamente mais veloz. Havia um descasamento aberto entre a esfera produtiva e a esfera financeira. A primeira teria de girar num compasso impossível de acompanhar o andamento financeiro. Quando estas duas engrenagens tiveram de mudar a velocidade de rotação, a crise desabou. E aconteceu puxada pelas hipotecas de alto risco, apelidadas de subprime. Em verdade, estas hipotecas exibiam situação de risco muito superior e que talvez, pela imprudência como foram aceitas, apenas precipitaram ainda mais os acontecimentos. O desemprego apareceu e as dívidas não puderam ser escondidas. Como as residências dadas em garantia haviam sido avaliadas em situação de bonança, foram precificadas pelo melhor, quando sobreveio a crise, o valor de avaliação delas de mercado caiu. Entretanto o valor dos empréstimos concedidos não declinou. Permaneceu como havia sido contratado. O desastre se instalou pelo mundo. A Europa estava junto nesse barco por ter assimilado estes créditos.

Como os continentes vendem uns para os outros, os dois mais importantes estavam endividados e em recessão, diminuindo suas compras. As empresas voltadas às exportações foram as mais afetadas e os empréstimos que agiam mundialmente foram bruscamente contraídos e encarecidos. O consumo mundial caiu e consigo trouxe para o remoinho o comércio. Todos os países foram atingidos em maior ou menor grau. O ciclo econômico descendente eclodiu.

As economias menos afetadas foram aquelas com menor endividamento e maior capacidade de crescimento interno por terem populações ainda em grande pobreza, sôfregas em querer consumir. Eram as economias emergentes, com maior destaque para o Brasil, China, Rússia e Índia.

A solução para os países endividados foi a intervenção maciça dos bancos centrais, assumindo passivos, como no caso dos EUA, que tomou para o Estado o endividamento da casa própria e até de empresas com elevado conteúdo simbólico como a General Motors. Os bancos centrais em ação sincrônica reduziram praticamente a zero os juros. Liberaram totalmente compulsórios e colocaram novos créditos à disposição de bancos comerciais privados. Estas providências gerais acudiram o sistema financeiro europeu. O crédito não foi paralisado. O que ocorreu foi, em realidade, socorrer dívidas privadas com dívidas públicas. Para pagar estes passivos gigantescos só há um único caminho, voltar a crescer gerando emprego.

Nos EUA, este trajeto indicava menor dificuldade por causa de ser uma economia com menor disparidade, uso de mesma língua, portadora de igual nacionalidade. O problema era a Europa, apesar de possuir um PIB superior na totalidade. Como conciliar a sobrevivência da economia grega, com características ainda de produção agrária e de prestação de serviços turísticos com a economia alemã, de elevado grau de industrialização? Se elas existissem em separado, com certeza absoluta teriam moedas próprias refletindo na taxa cambial as diferenças econômicas de produtividade. Não houve contemporização nem compatibilização possível. Economias muito diferenciadas e quase sem mais nenhuma capacidade de endividamento foram amarradas pelo ferrolho da moeda única: o euro. Estas economias não detinham mais autonomia decisória.

O euro tem dias contados. Não pode conciliar as diferenças que somente moedas locais podem espelhar. A moeda não é apenas um papel pintado, porém o reflexo do valor trabalho de cada economia, o estágio de evolução em que cada uma se depara em dado momento em termos de produtividade. Para consertar tais discrepâncias pelo menos uma geração seria necessária e isso os povos em suas urgências não conseguem esperar. Haverá uma ruptura na Europa, um regresso aos Estados-Nação e um refluxo do protecionismo como tentativa de preservação do emprego. Difícil escapar da recessão em economias em que o endividamento familiar comumente supera os 100 por cento e acontece em sociedades opulentas sem extraordinárias perspectivas de consumo. Com a economia estadunidense ocorrerá algo bem parecido, provavelmente com intensidade menor, dado que os EUA constituem uma unidade. Todos estão entrelaçados.

Quanto a economia brasileira... aguardemos o desdobramento deste raciocínio na próxima janela de conjecturas.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.
- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.